

A (in)visibilidade da mulher na mídia impressa: uma análise discursiva

Susana Bornéo Funck

Doutora em Humanidades, pela Universidade do Texas, em Arlington, Estados Unidos; professora do Programa de Pós-Graduação em Letras / Lingüística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas, RS.

Resumo

A partir dos pressupostos dos estudos de gênero e da análise crítica do discurso, analisam-se neste artigo duas edições de um jornal de domingo de uma capital do Sul do Brasil, buscando verificar as representações do feminino e do masculino, em especial a presença da mulher nas diferentes seções. É possível constatar que o veículo reproduz e reitera as assimetrias sociais de gênero, naturalizadas pelo senso comum, contribuindo para uma paradoxal (in)visibilidade da mulher na mídia impressa.

Palavras-chave: estudos de gênero, análise crítica do discurso, mulher na mídia

Abstract

From the estimated ones of the gender studies and the Critical Analysis of the Speech, two editions of a Sunday newspaper of a city in South of Brazil are analyzed in this article, having searched to verify the representations of the female and male, specially the presence of women in the different sections. It is evidenced that the vehicle reproduces and reiterates the social asymmetries of gender naturalized by the common sense, contributing for the paradoxical in visibility women in the media press.

Keywords: gender studies, critical analysis of the speech, women in the media

Introdução

Nas questões de gênero, como em outras relações sociais, a mídia não é heroína nem vilã. Mas ela é uma importante protagonista. Por sua visibilidade e ubiquidade, os meios de comunicação não podem ser ignorados como veículos de disseminação de idéias e valores, contribuindo para perpetuar ou alterar nossos comportamentos. Podemos até afirmar que a mídia é o aparelho ideológico por excelência dos nossos tempos, suplantando a igreja, a escola e a família, ou, pelo menos, igualando-se a eles.¹

¹ Para a noção de “aparelho ideológico”, ver Althusser, 1985.

Nesse sentido, a análise do discurso – disciplina que busca trazer à tona a ideologia subjacente à linguagem nas práticas cotidianas – tem muito do que se ocupar. Partindo do pressuposto bakhtiniano de que a palavra é o lugar em que a ideologia se materializa (BAKHTIN, 1999), e ampliando esse conceito para outras formas semióticas como a imagem e o som, podemos investigar como o discurso da mídia reflete as estruturas de poder que organizam nossas relações sociais. Mas, como tais relações se encontram naturalizadas pelo senso comum, muitas vezes não se percebem as assimetrias que as informam. E é aí que o trabalho de análise pode se revelar importante para os meios de comunicação.

Temos nos interessado bastante pela mídia impressa – publicidade, revistas semanais, revistas femininas e, até, revistas de decoração. Diante do convite para abordar o tema “mídia e preconceito” em um encontro feminista, decidimos, pela primeira vez, focalizar o jornal. E, como o tema era o preconceito, mesmo tendo plena consciência de que uma análise nunca é imparcial, resolvemos tentar diminuir nossos próprios preconceitos por meio de uma escolha aleatória do *corpus* a ser examinado. Pegamos os dois únicos jornais que tínhamos em casa: o de domingo, 6 de agosto, que já ia fora, e o de domingo, 13 de agosto, que havia comprado no dia anterior.

Pela primeira vez, paramos para observar o *layout* e nos demos conta de que a capa e a contracapa tinham formatos bastante padronizados. Na capa: o nome do jornal; uma barra com chamada para os cadernos de empregos, Donna e TV+show; a matéria de capa, pequenas chamadas e propagandas. Na contracapa: uma ou mais reportagens sobre pessoas comuns que fazem algo especial – nos dois casos, pessoas do interior do Estado (Cocal do Sul e Chapecó); informações sobre o jornal, e chamadas para as edições semanais.

Uma das questões fundamentais para analistas de discurso é entender por que, de todas as coisas que poderiam ter sido ditas, escolheu-se o que foi efetivamente dito; por que certas imagens ou ilustrações foram privilegiadas; por que certas notícias receberam destaque e outras, não; por fim, que conceitos, ou preconceitos, influíram nas escolhas discursivas. Enfim, tornar visível o que de outra forma permaneceria invisível (KRESS *apud* PEDRO, 1997, p. 24). Foi esse o tipo de análise que procuramos realizar. Particularmente nesse trabalho,² foram utilizados os pressupostos dos estudos de gênero e da análise crítica do discurso para analisar duas edições de um jornal de domingo, buscando verificar as representações do feminino e do masculino, em especial a presença da mulher nas diferentes seções.

Gostaríamos de ressaltar que se trata de um olhar leigo, ou seja, o de uma lingüista sem qualquer conhecimento de técnica jornalística. Por isso mesmo, talvez, possa ser uma contribuição inovadora nestes tempos em que a interdisciplinaridade é tão decantada e tão pouco praticada.

Análise

Ao compararmos as capas das duas edições (figuras 1 e 2), vimos em ambas um friso com as chamadas dos cadernos (TV+show, Donna DC e empregos) imediatamente abaixo do cabeçalho e, no centro da página, com alinhamento à esquerda, as manchetes das reportagens de capa: “Eleitor X corrupção” e “Como será a propaganda no rádio e na TV”. Na edição de 6 de agosto, a manchete vinha embutida na ilustração da chamada: uma urna eletrônica e parte da mão de um/a eleitor/a. Na edição de 13 de agosto, não havia ilustração referente aos meios de comunicação mencionados. Em lugar de uma televisão ou de um aparelho de rádio, como poderia ser esperado, vimos uma foto de corpo inteiro de uma linda mulata em trajes de banho, foto essa que “transbordou” do friso superior para ocupar praticamente toda a página.

Não conseguindo identificar nenhuma razão de cunho técnico para tal opção, já que seria igualmente fácil encontrar imagens de um rádio ou de uma televisão para ilustrar a manchete, inferimos que a escolha visual tenha sido informada pelo impacto que uma imagem feminina daria à página. Nesse caso, então, por que a modelo da chamada de Donna da edição anterior (também referente ao *Floripa Fashion*) não recebeu o mesmo tratamento?

Uma possível resposta a esta indagação estaria no pressuposto de que a essência da feminilidade está no corpo e na sensualidade da mulher, e na percepção social do corpo³ da mulata como epítome dessa sensualidade no Brasil.⁴ Uma modelo loira, com jeito de menina, trajando um bem-comportado vestido e um *blazer* de linhas clássicas, não causaria o mesmo impacto.

Voltando a atenção para as matérias da contracapa, verificamos que o espaço destinado a pessoas comuns que realizavam algo inusitado ou de relevância social era ocupado pelas atividades de Luiz Amarildo Sagaz, deficiente visual que dava aulas sobre meio ambiente a estudantes da rede municipal de Chapecó; Nildo Frutuoso, pescador da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, que levava adiante a tradição da carpintaria naval, reparando baleeiras; e Angelino Bonetti, colecionador de objetos antigos, que mantinha um minimuseu em Cocal do Sul, Santa Catarina. E nos perguntamos: as mulheres não fazem nada, ou o que fazem não é notícia?

Na verdade, acompanhando as edições subsequentes desse jornal, podemos perceber que havia reportagens

² Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na mesa-redonda “Mídia e Preconceito”, do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado em Florianópolis, em agosto de 2006.

³ Termo empregado por Bourdieu, 1977.

⁴ Ver, a esse respeito, Giacomini, 1992.



Figura 1: Capa - Fonte: *Diário Catarinense*, 6 de agosto de 2006



Figura 2: Capa - Fonte: *Diário Catarinense*, 13 de agosto de 2006

semelhantes sobre mulheres, mas na proporção de aproximadamente uma para cada três ou quatro sobre homens empreendedores. Há, aqui, duas possibilidades: ou as mulheres, historicamente destinadas ao trabalho doméstico, não dão às suas atividades uma importância política e pública, ou o jornal, ao buscar material para suas reportagens, não vê o fazer das mulheres como relevante ou de interesse geral.

De qualquer forma, juntando a análise da capa e da contracapa dessas duas edições de um jornal de domingo, é possível levantar a hipótese de que aquilo que Simone de Beauvoir (1983) apontava em meados do século passado – de que a mulher é e o homem faz – continua a informar inconscientemente os nossos modos de perceber e representar as identidades de gênero. Dizia ela que a mulher estava presa à sua imanência, seu corpo de fêmea da espécie, enquanto que ao homem cabia transcender a natureza através do agir e do fazer. Pelo que foi visto até agora, a dicotomia corpo-mente parece não ter sido ainda desconstruída em nosso imaginário.

As capas do caderno TV+show (Figuras 3 e 4) puderam nos oferecer uma melhor comparação, já que apresentavam dois artistas jovens: um homem (Caio Blat)

e uma mulher (Danielle Winits). A disposição visual, com a foto de Caio na metade esquerda da página e a de Danielle na metade direita, poderia suscitar diferentes interpretações. Partindo da noção lingüístico-discursiva de tema (tópico) e rema (comentário), poderíamos argumentar que a foto de Caio era priorizada sobre a de Danielle. Mas, considerando que, do ponto de vista do layout de página, a saída contém a informação mais importante, o visual de Danielle receberia maior atenção do que o de seu colega homem. Ao procedermos a “leitura” da esquerda para a direita, naturalmente a impressão visual teria mais impacto do que o texto que a acompanha.

Mais importante, entretanto, foi o teor dos textos apresentados. Enquanto Caio Blat era “Louco por novas facetas”, Danielle Winits tinha uma “Vocação explícita”. Enquanto o ator “aposta[va] na diversidade de personagens para pontuar a carreira”, a atriz “mais uma vez interpreta[va] uma mulher sensual”. Tendo como núcleo semântico as palavras “versatilidade” e “variação”, a entrevista com Caio enfatizava sua carreira e o cuidado com que escolhia ou aceitava diferentes personagens. A citação escolhida para o “olho” do texto é a seguinte: “Nessa carreira é muito fácil ficar rotulado”. E era justamente isso o que acontecia com Danielle, que,

explícita e repetidamente, interpretava uma mulher sensual, característica que ela tentava minimizar na afirmação destacada no texto: “O jeito provocante é apenas um traço comum” (grifo nosso).

A propósito do grifo acima, um aspecto linguístico interessante na entrevista de Danielle Winits é o emprego da negação, forma gramatical que necessariamente pressupõe e traz para a superfície do discurso o seu contrário. Ao ser indagada sobre o que fazia “para que o papel não seja dominado pela sensualidade”, ela respondeu: “[...] não há nada de mau nisso. O rótulo de sensual não é problema”. Questionada sobre se “não tem medo de ficar marcada por interpretar apenas o papel da mulher provocante”, reiterou: “Não, porque a sensualidade é uma característica inerente à mulher, principalmente a brasileira”, afirmação que corrobora a explicação encontrada para a presença marcante da mulata na capa do jornal. Seria interessante verificar o que teria acontecido se os entrevistados fossem o sensualíssimo Marcos Pasquim e a consagrada Fernanda Montenegro.

As assimetrias até aqui identificadas entre as representações do feminino e do masculino têm relação, no

primeiro caso, com o espaço e, no segundo, com a abordagem. Examinando mais detalhadamente a parte principal dos dois exemplares analisados, encontramos ainda uma outra forma de preconceito, ou melhor, “preconceito”: a da representatividade numérica, que ilustramos a seguir. No exemplar do dia 6 de agosto, temos coincidentemente dois grupos de seis pessoas cada. Na p. 9, na seção política, trata-se de entrevistados sobre a questão da corrupção no Congresso. Eram quatro homens e duas mulheres. Na p. 27, uma propaganda comercial apresentava os ganhadores de um concurso de uma loja local. Eram três mulheres e três homens. Curiosamente, foi a seleção espontânea de um sorteio que apresentou equilíbrio, e não a manipulada, como seria de se desejar. Em geral, mesmo que não sejam consideradas as seções de esportes, de política e a página policial, os homens são muito mais numerosos do que as mulheres, o que ratifica a idéia naturalizada de que “publicar” – ou “ser publicado” – ainda se encontra vinculado à noção de que ao homem pertence o espaço público e à mulher, o doméstico.

Continuando nossa análise, gostaríamos de focalizar um anúncio publicitário, o que, embora não seja de



Figura 3: Capa - Fonte: *Diário Catarinense*, 6 de agosto de 2006. Suplemento TV+Show



Figura 4: Capa - Fonte: *Diário Catarinense*, 13 de agosto de 2006. Suplemento TV+Show

responsabilidade do jornal propriamente dito, é parte integrante das idéias e dos conceitos que ele veicula. Na ocasião, estava sendo lançada a campanha de um loteamento estilo *home village*. Os anúncios (Figuras 5 e 6), ocupando aproximadamente 75% da página, estavam incluídos na parte principal do jornal (p. 14 e 15, respectivamente). O primeiro focalizava o comprador em potencial, representado por um homem de meia-idade, sorridente, tranqüilo e informalmente vestido. O segundo apresentava o hotel a ser construído como parte da infra-estrutura do local, trazendo como ilustração a típica família idealizada da publicidade: o pai, no centro; a mãe, logo atrás; e os filhos (um menino e uma menina), formando o apoio lateral para o círculo que se formava a partir da figura central.⁵ O homem seria, implicitamente, o responsável pela compra e por “trazer” sua família ao hotel.⁶

Os textos das propagandas pareciam também ser direcionados diferentemente. O primeiro enfatizava a infra-estrutura, a proximidade do centro da cidade e a

⁵ Para uma interessante discussão sobre a representação da família brasileira na mídia, ver Gastaldo, 2005.

⁶ A esse respeito, ver Bisol, 2004.

vista privilegiada. “No exclusivo *Club House*,” continuava, “há salão de festas, *fitness center*, sauna, quadra de tênis, quadra poliesportiva, *playground* e salão de jogos” e, além disso, a segurança recebia atenção especial com “monitoramento de alarmes por imagem, segurança perimetral interna e sistema de visualização e identificação de veículos”. O conforto ali parecia depender da estrutura física; a segurança, da tecnologia. Já o texto da outra propaganda, aquela que tinha como foco a família, afirmava: “Você poderá usufruir de [*sic*] toda a comodidade de serviços, como lavanderia, tinturaria, *spa*, restaurante e muito mais. Você estará cercado de conforto por todos os lados” (grifos nossos). Nessa chamada, o conforto estava associado aos “serviços” e à afetividade que circundavam o potencial cliente.

Finalmente, um outro aspecto semiótico-discursivo que nos chamou a atenção foi o enquadramento e a seleção de fotos ilustrativas, em que também parece ser possível identificar uma predominância do masculino, como demonstram os dois exemplos a seguir.

Na p. 33 do exemplar do dia 13, em uma reportagem sobre a contaminação por cobre de uma das bacias



Figura 5: página 14 - Fonte: *Diário Catarinense*, 6 de agosto de 2006



Figura 6: página 15 - Fonte: *Diário Catarinense*, 13 de agosto de 2006

hidrográficas do Estado, apareciam dois pesquisadores: um homem e uma mulher (Figura 7). Em primeiro plano, ocupando quase metade da foto, Vinicius manipulava e examinava amostras no laboratório. Ao fundo, com os braços apoiados na mesa, Eduarda o observava, reiterando, com sua atitude, o papel de coadjuvante passiva, historicamente atribuído às mulheres. Mesmo sabendo que a ciência não é mais um reduto exclusivamente masculino, não podemos deixar de observar que estereótipos masculinos e femininos ainda informam as representações das atividades nesse setor.

O segundo exemplo (Figuras 8 e 9) foi retirado da seção Justiça dos dois exemplares do jornal de domingo. Na Figura 8, encabeçando a reportagem “Mulher que teve os braços amputados recebe pensão”, via-se a foto do desembargador que relatou o processo, e a legenda, “Relator Volnei Carlin **garantiu** ganho vitalício para a Dona Lilli Stefens” (grifo nosso), enfatizando a ação do magistrado. A foto, de meio corpo, com o juiz devidamente togado e em ambiente profissional, olhando diretamente para a câmera, transmitia a autoridade de um homem público com poder de decisão. Já na Figura 9, que ilustrava a reportagem “TRT organiza festa pelos 25 anos”, temos de uma das homenageadas apenas um rosto, com o olhar desviado, quase uma foto de carteira de identidade, minúscula, identificada por um simples nome: Águeda.



Vinicius e Eduarda pesquisam o excesso de cobre em dejetos de suínos
Figura 7: página 33 - Fonte: *Diário Catarinense*, 13 de agosto de 2006

Mulher que teve os braços amputados recebe pensão

O Grupo de Câmaras de Direito Público de Tribunal de Justiça, por unanimidade, reformou decisão proferida pela 2ª Câmara de Direito Público e deu provimento aos embargos infringentes interpostos por Lilli Stefens contra a prefeitura de Blumenau e majorou o pagamento de sua pensão vitalícia.

Segundo os autos, Dona Lilli, hoje com 68 anos, teve os dois braços amputados aos seis anos, quando trabalhava no engenho de cana-de-açúcar com os pais. Em razão de sua deficiência física, foi-lhe concedida, através da Lei n.º 971/60, uma pensão mensal vitalícia, no valor de Cr\$ 3 mil cruzeiros antigos, equivalente a R\$ 75,42. Em decorrência da desvalorização da moeda, ela ajuizou uma ação onde solicitou o aumento

do valor para um salário mínimo, pedido esse concedido pelo magistrado de 1º Grau.

Inconformada, a prefeitura entrou com recurso no TJ, alegando que a pensão é “graciosa”. A 2ª Câmara de Direito Público julgou, por maioria de votos, procedente. Segundo o relator, desembargador Newton Trisotto, ela foi concedida por mera generosidade. Ao discordar dessa alegação, Dona Lilli disse que a moeda sofreu desvalorização, por isso pediu o aumento de sua pensão.

O relator dos embargos infringentes, desembargador Volnei Carlin, sustentou que é dever do Poder Público respeitar a dignidade do cidadão, garantindo-lhe um salário que seja capaz de atender suas necessidades básicas, ainda mais quando se trata de pessoa definitivamente incapaz.

Figura 8: página 45 - Fonte: *Diário Catarinense*, 13 de agosto de 2006

TRT organiza festa pelos 25 anos

A seqüência de eventos comemorativos dos 25 anos do Tribunal Regional do Trabalho de Santa Catarina, instalado em 11 de dezembro de 1981, inicia na próxima quinta-feira, 10, com a exposição do acervo histórico *Memória do Tribunal*, no andar térreo, setor B, do Beiramar Shopping de Florianópolis, permanecendo até 24 de agosto.

Os interessados poderão acessar, no local, informações sobre a tramitação de processos trabalhistas. Paralelamente à exposição do acervo, o Judiciarte, projeto que oportuniza aos servidores e juízes a expressão de seus talentos artísticos, vai reeditar a mostra de pinturas em tela que esteve recentemente exposta no saguão do TRT. Os trabalhos poderão ser vistos no térreo do Beira-

mar, no corredor entre o Golden Bingo e a Livraria Siciliano.

A Associação dos Servidores na Justiça do Trabalho (Ajut) está promovendo um concurso de trabalhos jurídicos que selecionará, para edição de um livro, artigos doutrinários sobre o Direito do Trabalho. As inscrições dos trabalhos serão aceitas até o dia 31 de agosto e o livro será lançado ainda em 2006.

A associação também está programando, de 21 a 23 de setembro, em Florianópolis, um congresso de Direito do Trabalho, que homenageará o primeiro presidente do TRT, juiz José Fernandes da Câmara Canto Rufino, e a juíza Ione Ramos, única remanescente da composição original. Para proferir a palestra de

abertura está prevista a presença do ministro Gelson de Azevedo, do Tribunal Superior do Trabalho.

Em outubro, nos dias 26 e 27, a Escola Judicial e de Administração Judiciária do TRT realizará o 5º sim-
 póσιο anual, também alu-
 sivo aos 25 anos do tribu-
 nal, abordando a temática
*Justiça do Trabalho: a Transi-
 ção e os Rumos*.

Ponto culminante das comemorações, a sessão plenária solene do TRT do dia 11 de dezembro contará com a entrega da toga ao juiz aposentado Carlos Alberto Godoy Itha. Nesse dia serão descerrados os quadros fotográficos das juízas Lígia Maria Teixeira Gouveia e Águeda Maria Lavorato Pereira, que passarão a integrar a galeria de ex-presidentes.



Figura 9: página 46 - Fonte: *Diário Catarinense*, 6 de agosto de 2006

Mesmo guardadas as devidas proporções, já que a primeira notícia era sobre uma decisão judicial e a segunda, sobre uma comemoração, é de estranhar a diferença entre as fotos ilustrativas e as respectivas legendas. Em razão de morarmos na cidade onde ocorreram os acontecimentos acima relatados, podemos afirmar que a Juíza Águeda Maria Lavorato Pereira teve uma importância ímpar como Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, ao implantar mudanças e modernizar a Justiça do Trabalho no Estado, tanto que era uma das homenageadas do evento noticiado. Pouco

ou nada se ouviu falar em Volnei Carlin. No entanto, ele tinha nome, sobrenome, cargo e visibilidade na página; ela era apenas um pequeno rosto e um prenome de mulher. Se fosse sambista ou manequim – poderíamos indagar – mereceria um espaço maior?

Embora nossa análise tenha sido realizada com um pequeno *corpus* da mídia jornalística, colhido ao acaso, acreditamos que seja suficiente para ilustrar um grande paradoxo no que concerne à visibilidade da mulher na imprensa. Seu corpo e sua sensualidade são da maior importância, a ponto de merecer destaque na primeira página. Suas ações e seus interesses ficam marginalizados: não são notícia. Mas há um caderno inteiro dedicado a ela, poderiam argumentar. Sim, *DonnaDC*, em nosso caso, a exemplo de outros “suplementos” femininos, apresenta questões de interesse supostamente exclusivo e típico da feminilidade: moda, comportamento, culinária, coluna social – o que por si só já é discutível. Entretanto, mesmo sem entrar no mérito da questão, ele é um apêndice do jornal, uma espécie de “costela de Adão”, assim como a mulher é um apêndice do homem, dando-lhe apoio no laboratório ou na família, como foi possível observar em nossa análise. Afinal, por trás de todo grande homem...

Considerações finais

É lógico que a mídia não inventa nem cria as distorções apontadas nas representações de gênero. Na verdade, tais assimetrias fazem parte de uma mitologia cultural em que o homem é a norma e a mulher é o “segundo sexo”. Herdadas do sistema mítico-ritual, como nos informou Pierre Bourdieu (1999), essas noções se proliferam através do discurso e acabam por ser naturalizadas, passando a fazer parte da “ordem natural das coisas”. Nesse sentido, um dos grandes méritos da luta feminista e dos estudos de gênero nas últimas cinco décadas tem sido o de desmistificar, ou desnaturalizar, com base em análises semiológicas e discursivas como a que aqui apresentamos, as representações e os papéis sociais de gênero estabelecidos por contingências históricas e que foram cristalizados em relações assimétricas de poder.

Sem querer entrar em grandes discussões teóricas, gostaríamos apenas de lembrar que o dismantelamento

conceitual do sujeito cartesiano, uno e estável (HALL, 2000), trouxe consigo importantes conseqüências, uma das quais é, sem dúvida, a noção de que a subjetividade é formada através de processos inconscientes. E de que o discurso, como prática social e conseqüentemente política, tem um papel importante a desempenhar nesses processos. Não podemos mais pensar a linguagem sem levar em conta seus aspectos ideológicos e a luta hegemônica que nela se trava. Sabemos, hoje, que o discurso tem um grande poder gerador, não apenas designando os objetos a que se refere, mas também os constituindo. E é preciso que tenhamos consciência disso nas atividades cotidianas – pessoais e/ou políticas – das quais a mídia é certamente o maior porta-voz. Somente uma “leitura” crítica dos discursos que nos rodeiam pode interferir na sua proliferação e evitar que sejamos inconscientemente posicionados em situações de inferioridade social ou cultural.

Nas relações de gênero, como nas de classe, raça, idade ou nacionalidade, as histórias que contamos e o modo como nos imaginamos e nos re(a)presentamos têm fortes implicações políticas, uma vez que o discurso é também um importante lugar de contestação de práticas sociais naturalizadas e de relações assimétricas de poder. De fato, mesmo que, nestes tempos de crise do sujeito, de identidades múltiplas e provisórias, as representações sejam vistas apenas como mediações, elas afetam nossas filiações e identificações ideológicas. Como declarou Ella Shohat, em entrevista concedida à *Revista Estudos Feministas* (2001, p. 156), “O imaginário é muito real e o real é imaginado. Precisamos constantemente negociar a relação entre o material e sua narrativa”, narrativa esta que encontra nas páginas do jornal um veículo democrático de grande circulação.

Qualquer escolha é, por natureza, ideológica. O fato de a modelo de *blazer* ficar restrita à barra de chamada e a também modelo, mas mulata sensual, ocupar a página toda é vestígio, ou sintoma, de algo maior que não é, muitas vezes, percebido. Os estudos de gênero – ou seja, a utilização do gênero como categoria de análise – têm desbravado novos territórios e implantado uma nova consciência na maioria das disciplinas sociais e culturais. Talvez a mídia seja a próxima fronteira.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BISOL, Ana Lúcia. Representações de gênero na propaganda turística. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. "Remarques provisoires sur la perception sociale du corps". *Actes de la Recherche*, Paris, n. 14, p. 51-54, 1977.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. [1949]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

GASTALDO, Édison. A representação do espaço doméstico e papéis de gênero na publicidade. In:

FUNCK, Susana & WIDHOLZER, Nara (Org.). *Gênero em discursos da mídia*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. p. 53-69.

GIACOMINI, Sônia Maria. Aprendendo a ser mulata: um estudo sobre a identidade da mulata profissional. In: COSTA, A.O. & BRUSCHINI, C. (Org.) *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 213-246.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PEDRO, Emília Ribeiro. "Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos". In: _____. (Org.) *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 19-46.

SHOAT, Ella. "Feminismo Fora do Centro". Entrevista concedida a Sonia Maluf e Cláudia de Lima Costa. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 147-63, 2001.